

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Máximo Purificação. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-718-5 DOI 10.22533/at.ed.185191710</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro *Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*, tem por objetivo alargar o diálogo entre pesquisadores e difundir trabalhos desenvolvidos nessas áreas do conhecimento.

Uma obra constituída de 29 artigos, de autores e instituições de diferentes regiões do país que abordam temas diversos e perpassam com maestria importantes discussões das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesse sentido, este livro está organizado em duas seções. A primeira composta por 15 artigos que versam sobre as Ciências Humanas estabelecendo liames com temas como: arte, didática, ensino, formação de professores, política educacionais, evasão escolar, fracasso escolar, entre outros.

A segunda seção composta por 14 artigos, estabelece uma relação dialógica com temas interdisciplinares discutidos a partir da lupa das Ciências Sociais Aplicadas e das condições humanas na perspectiva social, a saber: instituições sociais, organizações, inclusão social, desenvolvimento sustentável, bem-estar, tecnologias, dentre outros.

Nos artigos desta coletânea, o leitor poderá identificar que os autores lançam diferentes olhares sobre temas que são amplamente discutidos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, numa linguagem acessível, deixando perceber o gosto e o valor da atitude de pesquisar.

Esperamos que a aproximação das temáticas dos artigos com os contextos sociais e com as relações do cotidiano, possa inspirar você leitor/a à reflexão, no intuito de compreender seus contextos, (inter)agir sobre os mesmos.

Uma excelente leitura!

Marcelo Máximo Purificação

## SUMÁRIO

### PARTE I – CIÊNCIAS HUMANAS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ARTE NÃO TRADUZ O VISÍVEL, MAS TORNA VISÍVEL	
Aline do Carmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A DIDÁTICA DESENVOLVIDA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, CONTRIBUI PARA A QUALIFICAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS	
Leandro Moreira Maciel Maria Laura Brenner de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR PARA ALUNOS EM TRATAMENTO INTENSIVO	
Julia Pereira Luciane Madeira Motta Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONFLITOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	
Manfred Toninger Andreia Cristiane Silva Wiezzel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS COM A LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO	
Ana Carolina Batista Gisele Kühn Haddad João Derli de Souza Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
ESTUDO SOBRE ERGONOMIA APLICADA AO DESIGN DE VESTUÁRIO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE SENSORIAL	
Raysa Ruschel Soares Lívia Accioly Menezes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917106</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA ESCOLA JOSÉ PIO DE SANTANA IPAMERI GOIÁS (2016)	
Maira Aparecida Brandão de Freitas Marilena Julimar Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	
Débora da Costa Pereira Fábio André Hahn Marcos Clair Bovo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: CULTURA VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Amanda de Jesus Oliveira Santos Xavier Luciana Nogueira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>106</b>
O SUJEITO E O OBJETO DO FRACASSO ESCOLAR: CULPA DE MUITOS, RESPONSABILIDADE DE POUCOS	
Débora Nogueira de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O TRATAMENTO DADO PELAS ESCOLAS AOS ALUNOS ORIUNDOS DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS	
Camila Aparecida Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DA LÍNGUA INGLESA E DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Albene Cássia Dantas Gama Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DE UM CARTAZ DO VESTIBULAR DA UEG: A QUESTÃO DO SENTIDO	
Jorge Lucas Marcelo dos Santos Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
UTILIZAÇÃO DE MATERIAL MANIPULÁVEL NO ENSINO DE PRISMAS RETOS	
Nayara Borges de Oliveira Corrêa	
Rosemeire Terezinha da Silva	
Robson Lopes Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES QUE SE ABREM NO ATO DE EDUCAR COM A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIAS ATIVAS	
Lucimara Glap	
Luiz Edemir Taborda	
Luana Eveline Tramontin	
Sani de Carvalho Rutz da Silva	
Antonio Carlos Frasson	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171015</b>	
<b>PARTE II – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
A GRAMÁTICA EMOCIONAL DO ENVELHECIMENTO E AS DISPOSIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Angela Elizabeth Ferreira de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NA MELHORA DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA COM CÂNCER	
Daniele Taina de Melo França	
Luís Sérgio Sardinha	
Valdir de Aquino Lemos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
A IMPORTÂNCIA DO BIG DATA NAS ORGANIZAÇÕES	
Yasmin Teles Dos Santos	
Elisabete Tomomi Kowata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
A OBSERVAÇÃO RELACIONAL COMO TÉCNICA DE PESQUISA SOCIAL	
Nildo Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
AS CONCEPÇÕES DE ALMA EM AVICENA E O QUE SE SUCEDE DO “EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR”	
Jonathan Alvarenga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171020</b>	



<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM HANSENÍASE E PERCEPÇÕES DE SEUS FAMILIARES	
Luana Nepomuceno Gondim Costa Lima Carina Cavalcanti Nogueira Lopez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>239</b>
DIREITO E ARTE: A PERFORMANCE <i>RHYTHM 0</i> DE MARINA ABRAMOVIC E O PRINCÍPIO DA INDISPONIBILIDADE DA VIDA	
Yohana Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>251</b>
INTERFACES ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E TURISMO SOCIAL – O CASO DO FESTIVAL ROTA DOS SABORES EM CORONEL FABRICIANO (MG)	
Betinna Almeida de Tassis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>258</b>
LEMBRANÇAS DE DONA ZITA: UMA PESQUISA DE HISTÓRIA DE VIDA	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171024</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>270</b>
MEMÓRIAS DOS ADULTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS RIO GENIPAÚBA ABAETETUBA PARÁ: MOTIVOS QUE CULMINARAM PARA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS NO PASSADO E PERSPECTIVAS DE RETORNO NO PRESENTE	
Thiago Maciel Vilhena Raiane Ribeiro Cardoso Francilene Farias Valente Ana Marcia Gonzaga Rocha Marlea de Nazaré Sobrinho Costa Holdamir Martins Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>283</b>
O CONCEITO DE IDEOLOGIA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	
Abigail Ferreira Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
O USO DA ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS EM DISSERTAÇÕES DA ENFERMAGEM	
Cristiane Lopes Amarijo Aline Belletti Figueira Alex Sandra Ávila Minasi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171027</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>299</b>
PROJETAR PARA O BEM-ESTAR: BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS BENS MATERIAIS	
Maria Carolina Frohlich Fillmann Ulisses Filemon Leite Caetano Jéssica Collet	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171028</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO DE ARTESANATO NA INTERNET	
Nicole Rochele Cardoso Brancher	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171029</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>330</b>

## SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DE UM CARTAZ DO VESTIBULAR DA UEG: A QUESTÃO DO SENTIDO

**Jorge Lucas Marcelo dos Santos**  
**Maria Eugênia Curado**

**KEYWORDS:** Expression Plan; Content Plan; Vestibular Poster 1/2016 - UEG

**RESUMO:** O presente artigo visa a discutir, por meio da análise de um cartaz para divulgação do vestibular da Universidade Estadual de Goiás, veiculado em 2016, questões de caráter paradoxal que perpassam o Plano de Conteúdo (PC) articulado ao Plano de Expressão (PE) e que se revestem de sentido. Para tal investigação, lançaremos mão dos pressupostos da semiótica discursiva com apoio em Greimas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plano de Expressão (PE). Plano de Conteúdo (PC). Cartaz Vestibular 2016/1 -UEG.

### DISCUSSION SEMIOTICS IN THE ANALYSIS OF A POSTER DOING THE UEG VESTIBULAR: A QUESTION OF SENSE

**ABSTRACT:** The main goal of this paper is to discuss by analysis the vestibular poster that was used to promote the vestibular of State University of Goiás in 2016/1. So, we are going to verificate some paradoxical questions which are in the content plan (PC) articulated to the expression plan (PE). For such an investigation, we shall focus the assumptions of discursive semiotics with support by Greimas.

Para uma análise dos fenômenos semióticos em geral, tem-se que discorrer primeiramente sobre dois termos teórico-conceituais, que, segundo Fontanille (2018), são: *sentido* e *significação*. Em primeiro lugar, o *sentido* é uma *direção*, e é, ao mesmo tempo, uma “tendência a algo”, que comumente se revela por meio de um objeto, uma prática ou uma situação de interação semiótica. Nesse sentido, a teoria semiótica, em especial a greimasiana, busca examinar nas estruturas subjacentes a materialidade significativa, quer seja um texto escrito ou não, o processo de significação a fim de evidenciar sutilezas da geração do sentido sob um percurso, tomando o sentido por sua inteligibilidade. Ao que se refere a *significação*, para Fontanille (2018), “[ela] é o produto organizado pela análise”, que se revela “na e pela” associação e *articulação* do plano de conteúdo de um discurso com o seu plano de expressão, projetando para o mundo significativo uma unidade textual e discursiva inteirada por semioses analisáveis.

O processo de significação para Greimas (2011) deve ser observa do na totalidade do plano de manifestação do texto analisado,

ou melhor, no encadeamento de signos junto às interações discursivas que entre as grandezas do plano de expressão (do significado) e do plano de conteúdo (do significante). Ressaltamos ainda que estes signos se fazem presentes entre as tensões do mundo “verbal” e do mundo “natural”, numa constante relação retro alimentar, acomodando sempre as imperfeições que cercam a vida e as experiências humanas no momento do ato de linguagem.

Baseando-se nisso, Greimas (2018) teorizou sobre um fazer semiótico cunhado no princípio da *imperfeição*, buscando analisar o sentido dentro das práticas sociais, no âmbito das vivências humanas, ou, em outras palavras, no nível do vivido, no nível da presença, o que para Landowski (2012) “a única coisa que, sob uma forma ou outra, poderia realmente nos estar *presente*, é o *sentido*”.

O signo na perspectiva da semiótica discursiva não pode ser compreendido por uma “gramática do discurso”, pois seus significantes e significados são solidários às interferências de ordem social e cultural, semelhante ao que ocorre com o *discurso*; este último, então, é reconhecido pelo processo semiótico que o constitui, ou melhor, o discurso pertence à ordem das interações discursivas, seja por fontes semióticas linguísticas (línguas naturais) ou não linguísticas (figuras). Com base nisso, Greimas direcionou a noção de discurso para a semiótica, pontuando o seguinte:

[...]pode-se identificar o conceito de discurso como o de processo semiótico e considerar como pertencente à teoria do discurso a totalidade dos fatos semióticos (relações, unidades, operações, etc.) situados no eixo sintagmático da linguagem. (2011, p. 114)

A partir disso, segundo Fontanille (2018), respaldado em Greimas, o discurso é uma unidade de sentido que se reveste de *função semiótica*, sendo esta imediatamente atingida pelas profundas correlações inscritas nos planos de conteúdo e de expressão de um texto, possibilitando a precisão da noção de discurso para a semiótica greimasiana. Para além disso, segundo Landowski:

de resto, se o “discurso” (verbal, claro, mas também o do olhar, do gesto, da distância mantida) nos interessa, é porque ele preenche não só uma função de signo numa perspectiva comunicacional, mas porque tem ao mesmo tempo, valor de ato: ato de geração de sentido.” (2012, p. 05)

Ainda, segundo Landowski (2012), é tarefa impossível pretender *dizer o sentido*, pois este se revela “numa série de contextos intersubjetivos, e, portanto, interativos, precisos” sendo construído e atualizado no ato de geração de sentido. O texto, o discurso e o sentido são, portanto, elementos conceptuais e operatórios para *semiótica discursiva*, ou talvez, são responsáveis por uma semiótica da *presença*, sendo esta concebida sob a proposição do *ato de presentificação*. Sendo assim, as condições históricas, sociais e culturais que ocorrem no discurso alteram seus efeitos de sentido, confirmando a tese de que “o sentido ora se faz, ora se dissolve” no contexto de sua presença. É pela *semiótica* do discurso que se chega à geração do sentido, a seus

efeitos e a sua direção. A partir disso, parafraseando Landowski (2012), questionamos inicialmente: “a que figuras, a que dispositivos, a que linguagens” se recorreu para que um pouco de sentido se revelasse como *presença* no cartaz sob análise?

Exposto isso, considerando as noções de texto e de discurso aqui contempladas, tomamos o cartaz para divulgação do Vestibular de 2016/1, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), como *corpus* de nosso trabalho. Assim, objetivamos analisar semioticamente o discurso que intersecciona os planos de conteúdo e de expressão do cartaz já mencionado. Para atingirmos o objetivo central deste trabalho, utilizaremos como recurso teórico-metodológico a análise do *percurso gerativo de sentido* proposta por Greimas (1975), para quem “o fazer semiótico é uma *práxis* científica”, ou seja, a partir de um objeto observável pode-se construir um objeto teórico, ou melhor, “um ir-e-vir entre o construído e o observável”. Vejamos:

Como se sabe, é senso comum que no contexto cultural, a imagem e as representações sociais da pessoa negra são constantemente tomadas como referência de subcultura, submissão e opressão. Do ponto de vista das relações étnico-raciais, a representatividade negra tem sido estigmatizada, estereotipada e subordinada aos discursos hegemônicos, sob forte influência eurocêntrica. O protagonismo negro foi historicamente inferiorizado face às expressões socioculturais dos grupos dominantes, ou melhor, do grupo dominante (o do homem branco, heterossexual e cristão). No campo da ideologia, por meio de discursos culturais, históricos e sociais, tem-se a “naturalização” da real condição da pessoa negra no Brasil, bem como a construção de uma identidade negra forjada à serviço dos grupos dominantes e com forte intuito discriminatório, apontando sempre o lugar social do negro de onde lhe impõem características subjugadas.



Fig. 1 – Cartaz do vestibular UEG-2016/1

Fonte: CeCom - Centro de Comunicação Institucional da Universidade Estadual de Goiás - UEG

Tendo em vista tais considerações, é perturbador intimar o “vestibulando” a se “reinventar” e a se “transformar”, como se vê no cartaz do vestibular de 2016/1 da UEG. Perdeu-se com isso uma significativa reação ao racismo na universidade, ou até mesmo ao racismo institucionalizado, mostrando por consequência uma quebra do paradigma estabelecido fortemente pela sociedade de que o lugar do negro não seja na universidade, mas sim fora dela. Pontuado isso, sublinhamos que a universidade pública é o lugar da diferença, da multiculturalidade e da interculturalidade. Por fim, ressaltamos ainda, segundo Boaventura de Sousa (2003), que “temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza”.

No âmbito acadêmico, lugar propício a discussões político-ideológicas, o presar pela identidade negra positiva poderia potencializar o protagonismo negro, reiterar as ações afirmativas da universidade, bem como manter a heterogeneidade do corpo discente da instituição. É bom salientar que ao se propor discutir “racismo”, pode-se provocar “racismo”, quando os recursos linguísticos e semióticos são indevidamente manipulados, ou devidamente manipulados para essa finalidade. Assim, deparamo-nos novamente com a *presença*, mas não só com a presença empírica da alteridade, mas sim com a presença do discurso, da “ideologia” e da “enunciação” como práticas de linguagem sob interferências sociais, históricas e culturais ainda que subliminares.

Ao que se refere a noção de “enunciação”, Fiorin diz tratar-se de uma “entidade semiótica” na condição de uma “atividade discursiva”, o que para Landowski (2012) tem valor de “ato de linguagem” ou de “ato de sentido”. O enunciado, portanto, seria o produto da enunciação; está somente é acessada por meio de suas marcas deixadas no enunciado; podendo, assim, por meio da análise semiótica discursiva, reconstruir o ato enunciativo, conforme diz o estudioso. Nesse sentido, o sujeito enunciator se reveste, segundo Fiorin (2016) por certas competências linguístico-discursivas que dizem respeito à gramática e ao léxico:

- a) competência discursiva que diz respeito a discursivização por meio de figuras e temas;
- b) competência textual que diz respeito ao saber utilizar a semiótica-objeto;
- c) competência interdiscursiva que diz respeito à heterogeneidade do discurso;
- d) competência intertextual que diz se refere às relações contratuais ou polêmicas de um texto com os outros textos;
- e) competência pragmática que concerne aos valores ilocutórios dos enunciados;
- f) competência situacional diz respeito a situação de que se dá a comunicação.

Essas competências podem ser mais ou menos comuns ao enunciator e ao enunciatário, conforme Fiorin. Por esse caminho, os sujeitos envolvidos na ação comunicativa, ou melhor, na “atividade discursiva”, se valem de suas competências

linguístico-discursivas para entrever a geração do sentido; este, o sentido, enquanto semiose, se dá sob a forma de “texto” que lhe confere uma condição de unidade analisável. Além disso, esses sujeitos são constituídos por seus valores, o que, conseqüentemente, se tornam parte do ato de enunciar.

Portanto, se uma das questões desse artigo é a de matizar a noção de sentido, vale dizer ainda que é só por meio da descrição do ato enunciativo que se chega à geração do sentido e de sua significação. Para a semiótica discursiva, as seis competências discutidas por Fiorin corroboram com o alcance da significação das estruturas e níveis semióticos. Greimas coloca que, para uma análise do percurso gerativo de sentido, as noções de “plano”, “estrutura” e de “nível” devem ser compreendidas face aos recursos conceptuais e operatórios que dispõem a semiótica discursiva.

As reflexões feitas até aqui derivam de uma concepção de língua para além daquela proposta por Saussure, de que a língua seja um “sistema de signos”, mas, para a semiótica, a língua é muito mais um “sistema de signos e figuras” – e de temas –, conforme postulado por Hjelmslev. Portanto, importa-nos dizer ainda que a chave de entrada para a análise do texto em questão é o paradoxo construído entre a linguagem verbal que, desde a primeira leitura, figurativiza “um homem transformável” e uma linguagem visual que, de forma explícita, mostra o rosto de um homem negro, o que, automaticamente, aciona tudo o que este rosto representa ideológica, histórica, social e culturalmente. Para Greimas (2011), “os **procedimentos de figurativização** de um discurso colocado a princípio como neutro e abstrato” são revelados dentro *gerativo de sentido*, que pela *narratividade* do discurso, evidencia a posição do narrador-enunciador na criação de estratégias e atividades em face do convite ao vestibular, manifestando-se o sentido por meio de dois planos: o de expressão (PE) e o de conteúdo (PC). Nesse sentido, pode-se afirmar que o PC acomoda as interações discursivas que são concretizadas por uma expressão, ou melhor, pelo PE.

Segundo Barros (2011), cabe a semiótica greimasiana “explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano do conteúdo”, pois como orienta Floch (2001) uma análise da semiótica sincrética se inicia pelo plano de conteúdo, tendo em vista a busca dos conceitos temas presentes no texto e no discurso. Por se tratar aqui de um texto sincrético, segundo Teixeira (2004, p. 14), respaldada em Greimas:

Objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de uma outra que as organize num todo de significação.

A semiótica discursiva, com bases na *Semântica estrutural* de Greimas, herdou seu comprometimento com o rigor e o método de análise linguística textualmente orientada, mas, sobretudo, tem se voltado à análise de diferentes materialidades

significantes, o que possibilita a análise de objetos sincréticos sob os pressupostos teórico-metodológicos da semiótica greimasiana, como ênfase na averiguação do *percurso gerativo de sentido*.

O conceito de **nível fundamental**, onde surgem as estruturas fundamentais, é a primeira etapa do percurso gerativo de sentido, sendo a mais simples e abstrata, a significação surge aqui como oposição semântica mínima. Assim sendo, neste cartaz, observam-se posições político-sociais como estruturas axiológicas elementares, opressão vs. liberdade, em outras palavras, classe opressora/não-transformável vs. classe oprimida/transformável. Estas relações são substancialmente permeadas por valores modais como, por exemplo, o *poder* e o *saber*.

Ainda, como aponta Barros (2011), as posições semânticas manifestam-se de forma explícita no texto, neste caso, nota-se isso pelo uso dos verbos “inventar/reinventar” e “formar/transformar” que tematizam o percurso da “opressão” até a liberdade do “oprimido”, bem como a escolha da imagem. Essas oposições de base se preenchem de valor, positivo e negativo, e geram a organização fundamental do texto. No texto em análise, a “liberdade” é eufórica, a “opressão”, disfórica. Vale lembrar que a positividade e a negatividade são dadas pelo discurso e não pelo enunciatário. Tem-se, sob hipótese, que a opressão (negativa) passará a liberdade (positiva) somente pela força dos sujeitos. Assim temos:

Plano de conteúdo:

opressão	-----	(in)submissão	—————▶	liberdade
(disforia)		(não disforia)		(euforia)

Plano de expressão:

opressão	-----	submissão	—————▶	liberdade
imagem de um homem negro		imagem ao centro, junto ao sorriso		cores verde, amarela e branca

Para Barros (2011) “as relações semissimbólicas são, no fundo, relações entre conteúdo e expressão” e que se revelam no intercruzamento de linguagens solidárias. Sendo assim, com as oposições semânticas examinadas junto ao plano de expressão, surgem os determinantes para a geração semissimbólica do sentido, filiados à imagem, às cores e às emoções, ou melhor, aos elementos extralinguísticos.

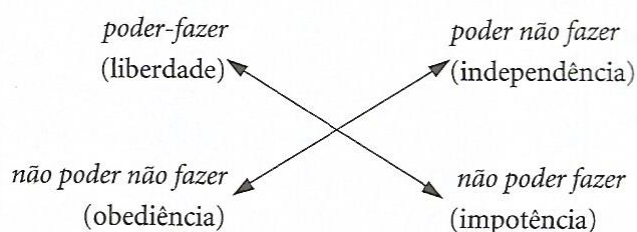
Segundo Castilho (2014), os verbos do ponto de vista semântico, “expressam estados de coisas”, é o que se tem então de subjetividade linguística perceptível; já do ponto de vista discursivo, considera-se como verbo a palavra “que introduz participantes no texto, via processo de apresentação”, dessa maneira, os sintagmas verbais “reinventar” e “transforma-se” estão preenchidos de carga semântica e



discursiva, como já apontado por Castilho.

Registra a literatura gramatical que os verbos empregados no modo imperativo dentro da estrutura linguística são automaticamente associados a postura de ordem de seu enunciador. É imprescindível a partir disso, mostrar a força da função conativa (ou apelativa) da linguagem no interior das estruturas analisadas. Segundo Fiorin (2012), para Jakobson, os textos que apresentam a função conativa da linguagem produzem um efeito de sentido de interação com o destinatário dominante, a fim de convencê-lo ou de persuadi-lo. Por fim, ressaltamos, segundo o Dicionário de verbos da Língua Portuguesa, que os verbos “reinventar” e “transformar-se” significam respectivamente: 1. tornar a inventar, recriar uma solução para um problema antigo, mas que exige uma nova abordagem; reelaborar; 2. dar nova forma a; passar a possuir uma nova forma. Com isso, sublinha-se aqui que esses significados já apontam para um discurso estereotipado e “naturalizador” da condição do negro face ao vestibular: deve “transformar-se”.

Segundo Barros (2011), o **nível narrativo**, que é a segunda etapa do percurso, é onde se encontra a unidade formal da narrativa, que é o *programa narrativo*. Este nível refere-se a(as) narrativa(as) pressuposta(as) pelo encadeamento dos elementos semióticos e por suas semioses dentro do plano de conteúdo. Para além disso, o percurso narrativo está sob a ordem da experiência, da situação e da sensibilidade dos sujeitos que incidem com os sentidos e os põem significando no entrelaçar das interações discursivas e semionarrativas. No cartaz analisado, o sujeito *enunciador* opera, nas suas estruturas narrativas, a transformação que põe o sujeito *enunciário* em situação de opressão. A *liberdade* é valor desejável pelo enunciário, sendo modalizada pelo *querer* dentro do percurso da **manipulação**, mas negada pela força opressora que atua sobre suas relações mediante o poder e o saber do enunciador. Assim proposto por Greimas:



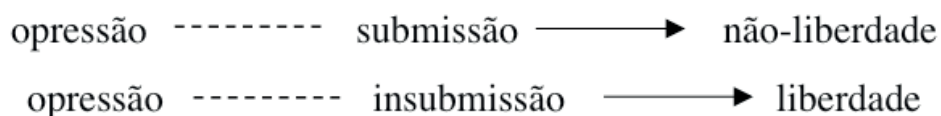
Fonte: Greimas (2011).

A ação do ser humano sobre as coisas pode ser denominada de “operação”, ao contrário disso, como se vê no esquema acima, a ação do ser humano sobre outro ser humano é denominada de “manipulação”. Para Greimas (2011) a **manipulação** tem como característica levar o sujeito manipulador a fazer com que o sujeito manipulado execute um programa dado. Para essa finalidade, o sujeito manipulador pode apoiar-se na noção de *poder* para configurar o programa narrativo da manipulação. No cartaz analisado, o desejo de *liberdade* do enunciário, ou melhor, do manipulado,

é reprogramado sob a forte imperatividade (lexical) utilizada sob a ordem do *poder-saber*. Na mesma direção, a manipulação do *saber* leva o manipulado a confrontar-se com as imagens de sua própria competência, que, no caso do cartaz analisado, é totalmente negativa.

A partir da projeção inicial do percurso da manipulação no quadrado semiótico proposto por Greimas (2011), reorganizamos seus os itens lexicais ao aproximarmos de nossa análise. Para o texto em questão, não se trata exatamente de oposições entre a liberdade x impotência ou obediência x impotência, mas sim de opressão e negação da liberdade simbólica ao sujeito enunciatário, ou melhor, configura-se aqui uma oposição semântica assim colocada: opressor x oprimido. É percebido isso pela análise no nível fundamental do percurso gerativo de sentido, bem como pelo ordenamento dos elementos semióticos propostos pelo sujeito enunciador como, por exemplo, as escolhas lexicais (verbos no imperativo) e pela escolha da imagem de um homem negro centralizada face às suas competências linguístico-discursivas. Esse paradoxo existente no cartaz é responsável por revelar o posicionamento do sujeito enunciador que é bem dissonante da real condição dos negros na contemporaneidade. Assim, propomos a seguinte leitura no plano de conteúdo do cartaz analisado:

Plano de conteúdo:



Segundo Barros (2011) “no nível das estruturas narrativas, as operações da etapa fundamental devem ser examinadas como transformações operadas por sujeitos”, o que implica dizer, sobre o cartaz analisado, que o sujeito opressor tenta manipular o sujeito oprimido revestido por valores desmedidos face a aquisição de conhecimento dado pela universidade.

No **nível discursivo**, último patamar do percurso, corresponde à tematização e figuratização das oposições semânticas já examinadas no nível fundamental. A discursivização acontece sob o propósito de se chegar a(as) narrativa(as) que antecede o próprio ato de enunciar, e determinar os aspectos ideológicos imanentes desse processo, sendo a narrativa, portanto, direcionada por sua estrutura fundamental e sendo por ela regida. As figuras, ou a figuratização, para Greimas (2017), é como uma “tela” cuja imagens se manifestam e vão além de seus sentidos ordinários, e, por meio delas, o texto se edifica. Das figuras do nível discursivo emergem a temáticas discutidas pelo enunciador, que, pela análise aqui realizada, são questões relativas a práticas sociais pautadas no embate entre o “opressor” e o “oprimido”. Segundo Barros (2011) “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-lo em percursos”, bem como proceder a figuratização seja um “procedimento [em que] as figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos atribuindo traços de revestimento sensorial”. Agora resto-nos responder se o sincretismo presente no

texto analisado é resultado de um processo significando notável no nível discursivo.

Apartir da imagem do “oprimido”, ou melhor, “de um homem negro transformável”, com forte figuratização cromática e com a ausência de representações positivas de que ocorrem nos percursos de empoderamento e de liberdade, essa imagem, ou essa figura, é reforçada pela colocação icônica de um homem negro sob a ordem de “transformar-se”. É sabido que há valor nesse processo de figuratização e “que a partir de um único valor podem-se obter diferentes percursos temáticos em um mesmo discurso”.

As estruturas discursivas podem revelar uma certa objetividade do discurso, por usar elementos gramaticais em terceira pessoa, por exemplo, mas, na verdade, trata-se de uma “ilusão de objetividade”. Sob sua competência discursiva, no cartaz aqui analisado, o sujeito do *saber* manipula o *querer* do enunciatário dizendo: *O conhecimento reinventa tudo. Transforme-se.* Com a figuratização do sujeito “oprimido”, vários temas passam a realizar os valores que emergem dessa figuratização, que, em última análise, estão relacionados aos pólos negativo e positivo da oposição semântica primária ou seja, o tema do racismo que se revela pela colocação da figura de um “homem negro” ao centro do cartaz com a seguinte legenda: *O conhecimento reinventa tudo. Transforme-se*; sendo este um exemplo indireto de imposição de poder e de identidade elitizada sob o viés eurocêntrico de concepção de homem branco (e graduado):

(a) o racismo é um fenômeno social tão antigo quanto a humanidade “valorando” e alimentando processos discriminatórios face a presença do outro. A(as) violência(as) social, intelectual, cultural, é sempre perversa e deve ser combatida dentro e fora dos campos universitários. Em oposição a isso, tomado por sua competência discursiva, o sujeito oprimido se movimenta e se reveste de resistência, militância e empoderamento, distanciando-se da opressão devastadora que impera sobre a superfície discursiva ora analisada;

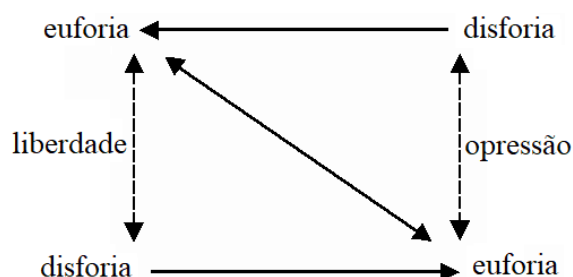
(b). tema da violência, real e/ou simbólica, que implica no surgimento de outras temáticas como, por exemplo, a do preconceito, do racismo e da escravidão, promovendo assim uma verdadeira “política racial”, ou seja, uma política pautada na objeção de inferiorização do homem negro, desvalorizando seu trabalho, seu conhecimento, suas práticas e sua cultura. Sob o princípio da resiliência, a identidade negra tem se mostrado forte, impetuosa e, como linguagem, tem sido apreciada;

(c). tema da opressão sociocultural como discurso deslegitimado da identidade negra, subjugando, de novo, o lugar, as potencialidades e o protagonismo da pessoa negra face suas práticas sociais e sua linguagem. A opressão que se recai sobre as expressões culturais subjugadas, é uma perversa incompreensão do que se entende por inclusão cultural e exclusão social. Na contramão disso, tem-se a noção de liberdade, historicizada e discursivizada, como escopo às manifestações socioculturais dos grupos marginalizados, ressaltando com isso sua resiliência, resistência e força.

Tais temas se entrelaçam e correspondem à herança histórica, real e simbólica,

da qual os negros estão imersos, como se percebe no cartaz analisado. Em contrapartida, há como oposição sumária o percurso figurado pelo tema da liberdade. Este é tematizado a partir do pólo positivo, desmascarando os valores do enunciador deixados nos enunciados no momento de sua enunciação. Ressaltamos aqui que esses temas são imbricados, se interseccionam e se revelam dentro dos percursos do “opressor” até o seu alvo, o “oprimido”, negando sua liberdade, confrontando os discursos legitimadores da diversidade, da heterogeneidade social, ideológica, cultural, racial e muitos outros.

Portanto, o texto analisado é discursivamente disforizante, pois seu percurso temático e figurativo está orientado para a opressão disfórica, mas, talvez, dado seu contexto de circulação, esperava-se um texto euforizante, porque o percurso desse tipo de texto é orientado para/pela a liberdade eufórica. Por fim, a figura a que segue logo abaixo é a representação das estruturas elementares do texto analisado, ou em outras palavras, é a representação das relações semânticas primárias sob as tensões da opressão x liberdade cujas nuances são representadas e operacionalizadas no quadro semiótico, como aponta Barros (2011):



Segundo Fontanille (2018), “o quadrado semiótico apresenta-se como a reunião dos dois tipos de oposições binárias em um só sistema” que na análise aqui realizada se configura pela oposição semântica opressão vs. liberdade que dá início ao *percurso gerativo de sentido*, mostrando a direção da análise semiótica e as tensões que a envolvem.

Portanto, segundo Barros (2011), “as estruturas fundamentais convertem-se em estruturas narrativas, a narrativa torna-se discurso”, e o discurso se divide entre os planos de exame dos processos significantes: o plano de conteúdo e o plano de expressão, o que para Fontanille (2018), “a esquematização e a subsequente articulação dos processos significantes são características intrínsecas ao discurso”, na medida em que os signos realizam o intercâmbio entre a realidade sensível e simbólica com a geração do sentido, atualizando-se pelo discurso, no momento de sua enunciação. Por fim, sublinhados que os arranjos de linguagem podem servir a outros fins que os de sua finalidade primeira, como no cartaz analisado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois dessas ponderações, constatamos que o dispositivo ora analisado, no caso uma mídia impressa, que veicula, por meio de um cartaz de vestibular UEG/2016-1, uma propaganda cujo intuito, certamente, não seria desprestigiar o candidato negro, mas que, entretanto, de forma subliminar, propõe uma mudança radical através do imperativo, “transforme-se” linguagem conativa em articulação com a imagem sugerida, que se reveste de uma falsa isenção estereotipada do homem negro, assim mediante a análise semiótica aqui proposta, podemos afirmar que o cartaz analisado é de longe apenas um convite ao vestibular, ele tornou-se um signo semiótico capaz de levar seus interlocutores à manutenção da representação estereotipada da pessoa negra. Em contrapartida, na contemporaneidade, esse tipo de produção tem sido objeto de resistência e de resiliência.

Observamos ainda que no discurso a imagem do negro é subjugada face ao modelo europeu dominador do homem branco. No contexto de cultura, tal figura incivil dilui-se entre o texto e o discurso legitimando, de novo, uma sub-representação do protagonismo negro face à elitização acadêmica. É como se estivéssemos sob um “determinismo racial”, em que o negro tivesse que se transformar, que se reinventar para se adequar ao contexto social e cultural dominante, daí concluímos que os mesmos discursos do homem branco colonizador ainda circulam na atualidade, sob a ordem de discursos racistas e preconceituosos, ainda que camuflados.

Ora, o cartaz analisado, enquanto texto e gênero do discurso, estabelece profundas relações com seu contexto de produção e de recepção; e são essas relações que determinam a sua discursivização, por meio de semioses. No nível discursivo, por meio da sintaxe discursiva, o enunciador deixou marcas na enunciação, que evidenciam o posicionamento autoritário, opressor e dissimulado do sujeito enunciator. No plano de expressão do texto, encontramos o uso da imagem de um homem negro, sendo uma inserção marginalizada dessa imagem e muito aquém de promover a equidade entre as raças, ou ainda melhor, entre a única raça: a humana.

Ao enunciar “O conhecimento reinventa tudo... transforme-se”, o leitor, de forma imperativa, é convidado ao novo, ao bom, ao hegemônico, a transformar-se pela aquisição de conhecimento dado pela Universidade Estadual de Goiás. Mas o que seria esse “tudo”? o que é necessário “transformar-se”? Foram exatamente estas duas perguntas junto a imagem centralizada de um homem negro presentes no cartaz da UEG que nos levou a uma inquietação enquanto leitores críticos. E é perturbador pensar que para estas perguntas espera-se o apagamento de uma identidade negra, de uma cultura negra, de um povo negro, sob a imperatividade da reinvenção e da transformação do ser humano.

No nível fundamental da análise do percurso gerativo de sentido, as oposições semânticas mínimas encontradas apontam para um sujeito “opressor” e seu alvo, o sujeito “oprimido”. As cores, a imagem e as emoções correspondem ao PE; o léxico,

a sintaxe e a semântica correspondem ao PC; todos esses recursos semióticos são portadores de semioses e se cruzam revelando sutilezas do texto analisado dentro do percurso gerativo de sentido. No nível narrativo, os sujeitos envolvidos estão presos aos seus interesses, por meio do programa narrativo da *manipulação* em que um sujeito manipula e exerce domínio sobre o *querer* do outro. No nível discursivo, os temas e as figuras descrevem um discurso opressor sob a tensão da relação entre o oprimido e seu opressor.

Para encerrar, não nos interessou analisar as políticas de acesso aos cursos de graduação da Universidade Estadual de Goiás e seus entraves ideológicos, muito menos ter a UEG como objeto de nossas análises, mas muito nos interessou um cartaz de divulgação do vestibular de 2016/1 da UEG, que foi insensato, desmedido, estereotipado e solidário ao racismo e ao preconceito racial. É sabido que a UEG tem se dedicado ao combate do racismo estrutural e institucional, com ações afirmativas como, por exemplo, o uso de cotas raciais, indígenas e para refugiados, e, no geral, tem reformulado suas políticas de acesso aos cursos de graduação da universidade. Fato que não condiz com a mídia veiculada que traz em seus meandros os ranços de Brasil colônia, que certamente ainda estão bem entranhados em nossa cultura.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. L. N. Mídia, Memória e Identidade. In: POSSENTI, Maria da Conceição Fonseca-Silva S. *Mídia e Rede de Memória*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

BARROS, Diana Luz P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2011.

BORBA, F. S. ET alii(1990). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed.UNESP, 1997.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo, Editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. 10. ed. São Paulo, Editora Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística II*. 5. ed. São Paulo, Editora Contexto, 2011.

FLOCH, Jean-Marie. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. In: \_\_\_\_\_. *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. São Paulo, Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2018.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien&J.Courtés. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto,

2011.

\_\_\_\_\_. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. 2. ed. São Paulo, Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria do discurso poético. In \_\_\_\_\_. *Ensaio de semiótica*. Tradução Heloísa de Lima Dantas. São Paulo. Editora Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Semântica estrutural*. 2. ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1966.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*. São Paulo: EDUC, 1992.

\_\_\_\_\_. *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

TEIXEIRA, Lúcia. *Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos*. In: \_\_\_\_\_. Gragoatá 16, Niterói, UFF, 2º semestre de 2004.

VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário de sinônimos, antônimos, parônimos e sincréticos*. Rio de Janeiro, Editora Científica, 1961.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo, Perspectiva, 1973.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artesanato 308, 309, 310, 311, 312, 317, 318, 319

Avicena 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

### B

Bem-estar 170, 171, 172, 176, 178, 182, 183, 222, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Big data 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

### C

Coleta de dados 33, 129, 146, 148, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

Competitiveness 190

Conflitos emocionais 33, 36, 37, 43

### D

Desenvolvimento sustentável 242, 243, 244

Design 57, 58, 59, 62, 241, 290, 291, 292, 298, 305, 306, 318

Didática 13, 14, 16, 19, 129, 203

Direito e Arte 230

Disposições sociais 157, 162, 163

### E

Educação do campo 261, 267, 268, 273

Ensino de ciências 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 155, 272, 273

Ensino técnico integrado 82, 94

Entrevista 4, 12, 37, 65, 71, 72, 73, 78, 86, 87, 102, 113, 197, 208, 226, 246, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Envelhecimento 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ergonomia 57, 58, 59, 62

Estética da recepção 4, 5, 52

Estrutura familiar 72, 73, 79, 117, 121

### F

Famílias homoafetivas 117, 118, 122

Felicidade 181, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307

Filosofia árabe 210

Formação do leitor 45, 46, 47, 55

Fracasso escolar 66, 67, 69, 72, 80, 86, 93, 94, 95, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 262

### G

Gêneros digitais 96, 98, 99, 101, 103, 104

Geometria espacial 146, 147, 154, 155



## H

Hanseníase 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

História de vida 249, 250, 257, 258, 259, 260, 285, 286

## L

Letramento 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Letramento digital 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

## M

Momentos pedagógicos 146, 148, 154

Motivação 54, 73, 78, 79, 89, 92, 109, 127, 177, 178, 265, 270

Música 7, 10, 18, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 124, 254, 255

## O

Observação relacional 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

## P

Plano de Conteúdo (PC) 133

Plano de Expressão (PE) 133

## R

Rejeição 221

Rendimento escolar 76, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115

## S

Superação 66, 84, 127, 128, 129, 131, 178

## T

Técnica inovadora 22, 23

Terapia Assistida por Animais (TAA) 170, 172, 184, 186, 187, 188

Tratamento intensivo 22, 23, 25, 30

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-718-5



9 788572 477185